

O PICO DO DISCURSO COMO ZONA DE TURBULÊNCIA
EM NARRATIVAS DO PORTUGUÊS¹

Luiz Carlos de Assis Rocha
FALE/UFMG

Resumo

Os discursos narrativos apresentam, via de regra, um determinado momento de tensão, em que a linha do evento passa por uma vibração especial, caracterizando aquilo que Longacre chama de "pico do discurso". Razões pragmáticas e discursivas fazem despontar no texto traços estruturais característicos dessa turbulência. Alguns desses traços são analisados neste trabalho, ao mesmo tempo em que se procura determinar a importância deste tipo de estudo para a compreensão do discurso.

Abstract

Narratives present, usually, a specific point of tension in which the narrative line undergoes a special vibration. This characterizes what Longacre has called "the peak of discourse". There are, in the text, structural features which are characteristic of this turbulence, and that are motivated by pragmatic and discourse reasons. This paper analyzes some of these features. At the same time we try to show the importance of this kind of approach to a better understanding of discourse.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo descrever e analisar os traços estruturais que caracterizam o pico do discurso em algumas narrativas do português.

A questão do pico do discurso foi estudada por Longacre², no artigo "Discourse Peak as Zone of Turbulence". O discurso apresenta, via de regra, dois tipos de proeminência: a vertical e a horizontal. Na primeira, o discurso é analisado como uma entidade estrutural em que algumas partes são mais proeminentes do que outras. Estudos nesse sentido foram feitos por Hopper ("foreground/background") e por Grimes ("event line").

Na proeminência horizontal, a perspectiva é mais ampla e tenta-se obter uma visão panorâmica do discurso. Principalmente nas narrativas, há o momento da "zona de turbulência", em que é possível detectar o clímax ou o pico do discurso. Neste trabalho pretendemos estabelecer e analisar os traços estruturais que caracterizam esse clímax.

É interessante observar que o pico da narrativa, visto sob o ponto de vista gramatical, que é o que nos interessa no momento, está relacionado com fatores discursivos e fatores pragmáticos. Em outras palavras, há razões discursivas e pragmáticas que justificam a caracterização gramatical do clímax de um texto narrativo. Algumas das razões discursivas podem estar relacionadas, na fala, com os traços fonológicos que caracterizam o pico, como, a entoação peculiar, o aumento da velocidade e do volume, a presença de pausas esclarecedoras, etc. As razões pragmáticas estão relacionadas com a excitação do falante, a gesticulação, a expressão facial, enfim, com certos sinais de que se serve o indivíduo para expressar com mais fidelidade e turbulência dos picos discursivos.

Em seu artigo, Longacre apresenta dez características estruturais do pico do discurso, que transcrevemos abaixo.

- a) Ênfase retórica através de repetição e paráfrase.
- b) Ênfase aumentada através da mudança de tempo verbal ou de pesoa.
- c) Afluência de diálogos ou quase diálogos, se não tiverem ocorrido anteriormente.
- d) Mudança de ritmo, através da variação da extensão das unidades constituintes, tais como frases, sentenças e parágrafos.
- e) Emprego da onomatopéia.

- f) Empacotamento da linha de ação, através do aumento da média entre verbos e não-verbos.
- g) Diminuição de velocidade, através do emprego de estruturas que não são comuns na linha do evento.
- h) Apagamento dos marcadores usuais da linha do evento em favor de marcadores mais específicos do pico.
- i) Apagamento de sinais de seqüência ou conjunções que dão normalmente coesão ao discurso.
- j) Simulação no pico do discurso de um tipo de traço que pertence a outro tipo ou encaixamento completo de um tipo em outro.

Dessas dez características, três (c, d e i) foram amplamente constatadas nos textos analisados e serão aqui estudadas. Além disso, observamos mais três, que serão descritas no corpo do trabalho.

2. O CORPUS DA PESQUISA

Os textos analisados, em número de oito, são narrativas curtas, extraídas da coleção *Para Gostar de Ler*³.

Texto nº 1 - O médico e o monstro. Paulo Mendes Campos (p.20-2, v. 2).

Texto nº 2 - Neide. Rubem Braga (p. 40-2, v. 2).

Texto nº 3 - Na escola. Carlos Drummond de Andrade (p. 54-7, v. 2).

Texto nº 4 - Aula de inglês. Rubem Braga (p. 64-6, v. 2).

Texto nº 5 - A mulher do vizinho. Fernando Sabino (p. 38-9, v.5).

Texto nº 6 - Fábula eleitoral para crianças. Paulo Mendes Campos (p. 66-8, v. 5).

Texto nº 7 - Um papagaio falador. Graciliano Ramos (p. 19-22, v. 8).

Texto nº 8 - O homem que espalhou o deserto. Ignácio de Loyola Brandão (p. 42-4, v. 8).

3. ANÁLISE DOS TRAÇOS ESTRUTURAIS

3.1 - Características apresentadas por Longacre

3.1.1 - Mudança de ritmo, através da variação de extensão das unidades constituintes, tais como frases, sentenças e parágrafos.

Uma das características mais marcantes dos picos analisados é a mudança na extensão dos períodos, que passam a ser consideravelmente mais longos, em comparação com os períodos do pré e do pós-pico.

Neste trabalho, sempre que um determinado pico for citado pela primeira vez, serão transcritas algumas linhas do pré e do pós-pico, a fim de que se evidencie com mais facilidade o contraste que se quer demonstrar. Além disso, o trecho que consideramos como pico do discurso virá entre colchetes e os traços apontados, em itálico.

TEXTO Nº 1

"A terrível mistura é sorvida com dificuldade e repugnância, seus olhos se alteram nas órbitas, um engasgo devolve o restinho. A operação durou um quarto de hora. A mãe recolhe o copo vazio com a alegria da vitória e aplica no menino uma palmadinha carinhosa, revidada com a ameaça dum chute. Já estamos a essa altura, como não podia deixar de ser, presenciando a metamorfose do médico em monstro.

[Ao passar zunindo pela sala, o pincenê e o avental são atirados sobre o tapete com um gesto desabrido. Do antigo médico resta um lindo bigode azul. *De máscara preta e espada, Mr. Hyde penetra no quarto, onde a doce enfermeira continua a brincar, e desfaz com uma espadadeira todo o consultório: microscópio, estetoscópio, remédios, seringa, termômetro, tesoura, gaze, esparadrapo, bonecas, tudo se derrama pelo chão.* A enfermeira dá um grito de horror e começa a chorar nervosamente. O monstro, exultante, espeta-lhe a espada na barriga e brada:

- Eu sou o Demônio do Deserto!

Ainda sob o efeito das vitaminas, preso na solidão escura do mal, desatento a qualquer autoridade materna ou paterna, com o diabo no corpo, o monstro vai espalhando o terror a seu redor; é a televisão ligada ao máximo, é o divã massacrado sob os seus pés, é uma corneta indo tintir no ouvido da cozinheira, um va

so quebrado, uma cortina que se despenca, um grito, um uivo, um rugido animal, é o doce derramado, a torneira inundando o banheiro, a revista nova dilacerada, é, enfim, o flagelo à solta no sexto andar dum apartamento carioca.]

Subitamente o monstro se acalma. Suado e ofegante, senta-se sobre os joelhos do pai..."

TEXTO Nº 3

"- Legal! - exclamou Jorgito. - Uniforme está superado, professora. A senhora vem de calça comprida, e a gente aparece de qualquer jeito.

- Não pode - refutou Gilberto. - Vira bagunça. Lã em casa ninguém anda de pijama ou de camisa aberta na sala. A gente tem de respeitar o uniforme.

Respeita, não respeita, a discussão esquentou. [Dona Amarilis pedia ordem, ordem, assim não é possível, mas os grupos se haviam extremado, falavam todos ao mesmo tempo, ninguém se fazia ouvir, pelo que, com quatro votos a favor de calça comprida, dois contra, e um tanto-faz, e antes que fosse decretada por maioria absoluta a abolição do uniforme escolar, a professora achou prudente declarar encerrado o plebiscito, e passou à lição de História do Brasil.]

TEXTO Nº 4

"Sim. Era um objeto de louça de forma oval, com cerca de treze centímetros de comprimento. As bordas eram da altura aproximada de um centímetro, e nelas havia reentrâncias curvas - duas ou três - na parte superior. Na depressão central, uma espécie de bacia delimitada por essas bordas, havia um pequeno pedaço de cigarro fumado (uma bagana) e, aqui e ali, cinzas esparsas, além de um palito de fósforos já riscado. Respondi:

[- Yes!

O que sucedeu então foi indescritível. A boa senhora teve o rosto completamente iluminado por uma onda de alegria: os olhos brilhavam - vitória! vitória! - e um largo sorriso desabrochou rapidamente nos lábios havia pouco fransidos pela meditação triste e inquieta. Ergueu-se um pouco da cadeira e não se pôde impedir de estender o braço e se bater no ombro, ao mesmo tempo que exclamava, muito excitada:

- Very well! Very well!]

Sou um homem de natural tímido, e ainda mais no lidar com mulheres. A efusão com que ela festejava..."

TEXTO Nº 6

"Entre os seres humanos, só as crianças sabiam que era o dia da entronização da rosa, e nada contaram a ninguém. [Mas pelo jardim onde se achava a rosa, expectante no seu recato soberano, passava naquela manhã um homem feio e preocupado. Era um candidato a qualquer coisa, a vereador, a deputado, a Presidente da República, não se sabe ao certo. Distraído com as suas ambições, ele colheu a rainha do universo, que entrou logo a fenecer em suas mãos úmidas. Depois, olhou e viu que se tratava de uma bela rosa digna de se oferecer a uma namorada. Mas ele não tinha namorada. Mal-me-quer, bem-me-quer, mal-me-quer... Ele começou a desfolhar a rosa só para saber se dessa vez seria eleito; a Câmara de vereadores, de deputados, ou a curul da Presidência da República, não se sabe ao certo. E a rosa morreu. *E foi por isso que o dia se fechou de repente, o céu ficou escuro, os animais uivaram nos bosques, os pássaros sumiram, o vento de desabou sobre o mar agora encolpelado, o raio e o trovão tomaram conta da noite sem estrelas, e as orlações na hora do jantar perderam a fome.*] Tinha morrido a rainha do universo."

Nos textos acima transcritos, há, de fato, como sugere Longacre, uma "mudança de ritmo", com o aparecimento de períodos longos, o que propiciará maior fluidez e dinamização à linha do evento. Essa fluidez e essa dinamização parecem residir, no entanto, não apenas na extensão dos períodos, mas principalmente na intensificação e/ou na repetição de recursos rítmicos que se observam no interior desses períodos. No texto nº 1, por exemplo, o pico do discurso passa a adquirir um ritmo próprio, dinâmico e alucinante, através da repetição de seqüências curtas, algumas delas com a mesma estrutura ("... é a televisão ligada ao máximo, é o divã massacrado..." / "... um grito, um uivo, um rugido animal...". Essa "enumeração caótica", como sugerem os teóricos da literatura, com esse ritmo peculiar, vêm dar ao texto uma feição especial, bastante próxima a um poema.

"Ainda sob o efeito das vitaminas,
 preso na solidão escura do mal,
 desatento a qualquer autoridade materna ou paterna,
 com o diabo no corpo,
 o monstro vai espalhando o terror a seu redor:
 é a televisão ligada ao máximo,
 é o divã massacrado sob os seus pés,
 é uma corneta indo tinir no ouvido da cozinheira,
 um vaso quebrado,
 uma cortina que se despenca,
 um grito,
 um uivo,
 um rugido animal,
 é o doce derramado,
 a torneira inundando o banheiro,
 a revista nova dilacerada,
 é, enfim, o flagelo ã solta no sexto andar dum aparta-
 mento carioca."

3.1.2 - Afluência de diálogos ou quase diálogos, se não tiverem ocorrido anteriormente.

De acordo com os textos analisados, preferimos aqui fa zer uma adaptação da proposição de Longacre: presença do diálogo e similares, mesmo que tenham ocorrido anteriormente. O diálogo e seus similares, passam a ter um tratamento especial no clímax e podem ocorrer de formas variadas, como veremos abaixo.

3.1.2.1 - DISCURSO DIRETO NO INÍCIO DO PICO

TEXTO Nº 5

"Tudo isso com voz pausada, reclinado para trás, sob o olhar de aprovação do escrivão a um canto. O vizinho do General pediu, com delicadeza, licença para retirar. [Foi então que a mu lher do vizinho do General interveio:

- *Era tudo que o senhor tinha a dizer a meu marido?*

O delegado apenas olhou-a, espantado com o atrevimento.

- Pois então fique sabendo que eu também sei tratar ti pos como o senhor. Meu marido não é gringo nem meus filhos são mo leques. Se por acaso importunaram o General, ele que viesse fa-
 lar comigo, pois o senhor também está nos importunando. E fique sabendo que sou brasileira, sou prima de um Major do Exército,

sobrinha de um Coronel e filha de um General! Morou?]

Estarrecido, o delegado só teve força para engolir..."

TEXTO Nº 7

"Enfim tudo se acomodou, o pessoal saiu e nós fomos en-
direitar a casa, varrer, lavar, limpar, arranjar as coisas. Cesá-
ria passou o dia arrumando a bagagem, abrindo malas e guardando
troços nos armários. [No meio do trabalho me chamou: - '*Estã aqui
uma bolsa furada, Alexandre. Que é isto?*' E eu me lembrei: - '*Ai,
Cesária! É o papagaio. Tranquei o papagaio na bolsa. Coitado. Es-
queci-me dele e o pobre viajou sem comer*'. Corri mais que depres-
sa e fui abrir a bolsa. Encontrei o infeliz nas últimas, enrola-
do num canto, feio como um pinto molhado. Cesária trouxe um pi-
res de leite, mas era tarde, não havia jeito não. O papagaio
olhou para mim, balançou a cabeça, levantou-se tremendo, encoru-
jado, e disse baixinho: - '*Sim, senhor, seu major, isto não é
coisa que se faça*'.] Amunhecou e morreu."

3.1.2.2 - DISCURSO INDIRETO NO INÍCIO DO PICO, SEGUIDO DE DISCUR-
SO DIRETO

TEXTO Nº 2

"Ele confirmou a existência dos anjos com a autoridade
de seu ofício; era impossível duvidar da palavra do comissário
de bordo, que usa uniforme e voa todo dia para um lado e outro, e
além disso ele tinha um argumento impressionante: 'Então você
não sabia que tem anjos no céu?' [É perguntou se ela tinha vanta-
de de ser anjo.

- Não.
- Que é que você quer ser?
- Aeromoça!

E começou a nos servir biscoitos; dois passageiros que
estavam cochilando acordaram assustados porque ela apertou o bo-
tão que faz descer as costas das poltronas; mas depois riram e
aceitaram os biscoitos.

- A Baía de Guanabara!

Começamos a descer. E quando o avião tocava o solo, na
quele instante de leve tensão nervosa, ela se libertou do cinto
e gritou alegremente:

- Agora tudo vai explodir!

E disse que queria sair primeiro porque estava com muita pressa, para ver as horas na torre do edifício ali perto: pois lá sabia ver as horas.]

Não deviam ter-lhe ensinado isso. Ela já sabe tanta coisa! As horas se juntam..."

3.1.2.3 - DISCURSO DIRETO COMO ÁPICE DO PICO

É possível apontar, em algumas narrativas, o ápice do pico. No caso abaixo, é um discurso direto isolado no interior do pico.

TEXTO Nº 1

- *Eu sou o Demônio do Deserto!*

3.1.2.4 - DISCURSO INDIRETO LIVRE

No pico do discurso, a interação autor/personagem - a nosso ver, a marca fundamental do discurso indireto livre - contribui para a caracterização do clímax, constituindo-se, muitas vezes, no ápice do pico. O discurso, até então eminentemente escrito, passa a ter características sonoras.

TEXTO Nº 4

"O que sucedeu então foi indescritível. A boa senhora teve o rosto completamente iluminado por uma onda de alegria; os olhos brilhavam - *vitória! vitória!* - e um largo sorriso..."

Também no Texto nº 3, o discurso indireto livre contribui para o clímax da narrativa:

"Respeita, não respeita, a discussão esquentou, Dona Amarilis pedia *ordem, ordem, assim não é possível*, mas os grupos se haviam extremado..."

3.1.2.5 - MUDANÇA NA ESTRUTURA DO DISCURSO DIRETO

No Texto nº 4, o discurso direto não pode ser apontado como introdutor do pico do discurso, já que ele aparece diversas vezes no pré-pico. Mas aqui é possível detectar um outro tipo de traço lingüístico relacionado com o discurso direto. Dá-se uma mudança de estrutura, ou seja, a resposta do aluno, que por três

vezes tinha sido a mesma no pré-pico - "no, it's not" (negativa) -, na abertura do pico é substituída por outra estrutura - "yes" (positiva).

É justamente essa mudança do refrão que conduz a uma quebra no ritmo do discurso. É sintomático que em seguida à introdução da nova estrutura, o parágrafo subsequente apresente algumas marcas características do pico do discurso: período longo, discurso indireto livre, quebra da narrativa através da introdução de uma expressão temporal (traço a ser apresentado mais adiante), etc.

TEXTO Nº 4

"- No, it's not!
- - - - -
No, it's not!
- - - - -
- No, it's not!
- - - - -
- Yes!

O que sucedeu então foi indescritível. A boa senhora teve o rosto completamente iluminado por uma onda de alegria..."

3.1.2.6 - SENTIDO INVERSO: DIÁLOGO/NÃO-DIÁLOGO

O Texto nº 3 é constituído por uma seqüência de diálogos (com raras passagens não-diálogo). No pico do discurso, a seqüência de diálogos cede lugar a um único e longo parágrafo:

"Respeita, não respeita, a discussão esquentou, Dona Amarílis pedia ordem, ordem, assim não é possível, mas os grupos..."

3.1.3 - Apagamento de sinais de seqüência ou conjunções que dão normalmente coesão ao discurso.

Caracterizando-se o clímax do discurso pela quebra da seqüência ou interrupção aparente da coesão textual, é de se esperar que os sinais que indicam essa seqüência ou coesão desapareçam ou diminuam de freqüência.

TEXTO Nº 3

"Respeita, não respeita, a discussão esquentou, Dona Amarílis pedia ordem, ordem, assim não é possível, mas os grupos"

se haviam extremado, falavam todos ao mesmo tempo, ninguém se fazia ouvir..."

TEXTO Nº 6

"E foi por isso que o dia se fechou de repente, o céu ficou escuro, os animais uivaram nos bosques, os pássaros sumiram, o vento se desabou..."

TEXTO Nº 1

"Ainda sob o efeito das vitaminas, preso na solidão escura do mal, desatento a qualquer autoridade materna ou paterna, com o diabo no corpo, o monstro vai espalhando o terror a seu redor: é a televisão ligada ao máximo, é o divã massacrado sob os seus pés, é uma corneta indo tinir no ouvido da cozinheira, um vaso quebrado, uma cortina que se despenca, um grito, um uivo, um rugido animal..."

3.2 - Outras características analisadas

Além das características sugeridas por Longacre e estudadas acima, analisamos mais três itens, que são expostos abaixo.

3.2.1 - Introdução de termos e expressões que assinalem a quebra de ritmo da narrativa, tais como, expressões de tempo e conjunções adversativas.

TEXTO Nº 4

"O que sucedeu então foi indescritível. A boa senhora teve o rosto..."

TEXTO Nº 5

"Foi então que a mulher do vizinho do General interveio..."

TEXTO Nº 7

"No meio do trabalho me chamou..."

TEXTO Nº 6

"Mas pelo jardim onde se achava a rosa, expectante no seu retrato soberano..."

3.2.2 - Maior incremento da relação: tema/sujeito.

Na análise deste item, nós nos inspiramos no artigo de Tomlin⁴, em que é estudada a interação entre sujeito, tema e agente. Tomlin afirma que entre o tema e o agente, o sujeito codifica de preferência o tema e comprova sua hipótese através de narrações em video-tape de jogos de hockey no gelo.

Em nosso trabalho, confirmamos a hipótese de Tomlin; mas iremos um pouco adiante afirmando: a relação entre o sujeito e o tema é mais constante no pico do que no não-pico das narrativas estudadas. O exame da Tabela 1 confirma a hipótese. Observe-se que o coeficiente sujeito temático/sujeito não-temático é sempre mais elevado no pico do que no não-pico.

Sob o ponto de vista metodológico, consideramos o não-pico como as seqüências textuais que precedem e sucedem o pico, as quais, em conjunto, têm o mesmo número de linhas que o pico. Tal balizamento foi necessário para efeito de levantamento de dados. O que se observa na prática, porém, é que as narrativas, em sua maioria, apresentam a estrutura abaixo, em que o pré-pico começa no início do texto e é relativamente extenso; o pico está quase no final, é pequeno e bastante característico; o pós-pico é curto e às vezes não existe.

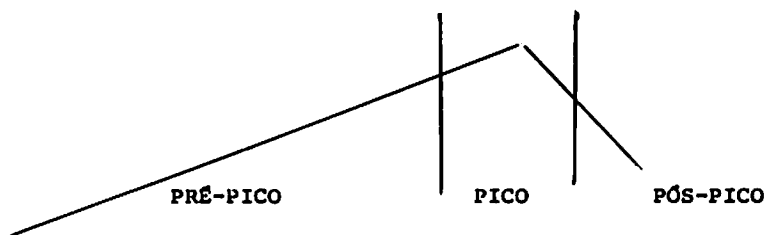


TABELA 1

Relação tema/sujeito no pico do discurso

Texto Nº 1	Texto Nº 2		Texto Nº 3		Texto Nº 4		Texto Nº 5		Texto Nº 6		Texto Nº 7		Texto Nº 8	
	Não-Pico	Pico	Não-Pico	Pico	Não-Pico	Pico	Não-Pico	Pico	Não-Pico	Pico	Não-Pico	Pico	Não-Pico	Pico
7	5	11	3	1	5	1	3	1	9	0	8	0	9	9
7	12	8	18	8	11	4	8	6	14	18	7	0	11	12
1,00	0,41	1,37	0,16	0,37	0,09	1,25	0,12	0,50	0,64	0,00	0,14	0,00	0,81	0,75
<p>Média global: coeficiente no pico - 0,83 coeficiente no não-pico - 0,23</p>														

3.2.3 - Condições mais favoráveis para a continuidade temática.

Inspirados no trabalho de Nichols⁵, decidimos testar se o pico do discurso oferece condições mais favoráveis para a continuidade temática do que o não-pico. Consideramos como condições mais favoráveis a anáfora e o emprego do pronome. A descontinuidade é caracterizada pelo nome do personagem (sob forma de nome, prenome + sobrenome, sobrenome, apelido, etc.) ou por aquilo que Nichols chama de descrição (e.g. o médico, o menino, o infeliz, etc.). Os dados estão na Tabela 2. Quanto à extensão do pico, do pré e do pós-pico, esta tabela segue as mesmas condições que as expostas na Tabela 1.

Tabela 2
Condições mais favoráveis da cadeia temática no pico do discurso

Textos	1	2	3	4	5	6	7	8	Média
Pico	2	10	1	4	2	8	5	7	4,80
Não-Pico	2	3	0	1	0	0	0	8	0,17

Com relação à Tabela 2, observe-se que apenas no Texto nº 8 a continuidade temática foi mais favorável no não-pico do que no pico. No Texto nº 1 as condições são idênticas, mas, nos outros discursos, o pico é sempre mais favorável à continuidade temática do que o não-pico.

O Texto nº 6 é aquele que oferece condições mais favoráveis para a continuidade temática. Em oito orações, o sujeito é pronome ou anáfora zero:

"... passava naquela manhã um homem feio e preocupado. Era um candidato a qualquer coisa, a vereador, a deputado, a Presidente da República, não se sabe ao certo. *Distraído* com as suas ambições, *ele* colheu a rainha do universo, que entrou logo a fenececer em suas mãos úmidas. Depois, *olhou* e *viu* que se tratava de uma bela rosa, uma rosa digna de se oferecer a uma namorada. Mas ele não tinha namorada. Mal-me-quer, bem-me-quer... *Ela* começou a desfolhar a rosa só para saber se dessa vez *ele* seria eleito: à Câmara de vereadores, de deputados ou à curul da Presidência da República..."

4. CONCLUSÃO

Conforme vimos no item 1 deste trabalho, Longacre apresenta dez tipos de recurso utilizados nas diversas línguas para a marcação do pico. Procuramos testar esses dez tipos nos textos apresentados. Vimos que três itens se aplicam normalmente aos discursos estudados, mas não encontramos qualquer relação significativa entre os outros sete e os picos em questão.

Os sete itens são:

- ênfase retórica através de repetição e paráfrase;
- ênfase aumentada através da mudança de tempo verbal ou de pessoa;
- emprego de onomatopéia;
- empacotamento da linha de ação, através do aumento da média entre verbos e não-verbos;
- diminuição de velocidade, através do emprego de estruturas que não são comuns na linha do evento;
- apagamento dos marcadores usuais da linha do evento em favor de marcadores mais específicos do pico;
- simulação no pico do discurso de traços que pertencem a outro tipo ou encaixamento completo de um tipo em outro.

Neste trabalho fizemos o estudo de seis características, sendo as três primeiras fixadas por Longacre e as restantes, conclusões de nossa pesquisa. São elas:

- afluência de diálogos ou quase-diálogos, se não tiverem ocorrido anteriormente;
- mudança de ritmo, através da variação da extensão das unidades constituintes, tais como frases, sentenças e parágrafos;
- apagamento de sinais de seqüência ou conjunções que dão normalmente coesão ao discurso;
- introdução de termos e expressões que assinalem a quebra de ritmo da narrativa, tais como, expressões de tempo e conjunções adversativas;
- maior incremento da relação: tema/sujeito;
- condições mais favoráveis para a continuidade temática.

Por fim, fazendo coro com Longacre, é possível precisar a importância da identificação e do estudo do pico:

- permite apreender a gramática geral do discurso;
- chega-se à conclusão de que assim como o verbo é o constituinte central da cláusula, o pico é o constituinte central do discurso;

- é a chave para o estudo da adequação da morfo-sintaxe à estrutura do discurso; prevê-se a possibilidade do estudo dos nomes e dos verbos em esquemas mais amplos.

Notas

- 1 Este estudo foi apresentado originalmente como trabalho final da disciplina "Pragmática Lingüística em Português", ministrada pelos professores Sebastião Votre e Anthony Naro, em 1986, no curso de doutorado em Letras da UFRJ. Agradeço especialmente ao Prof. Sebastião Votre pelas sugestões e pelo incentivo à publicação.
- 2 LONGACRE, 1985.
- 3 SABINO, 1978-1983.
- 4 TOMLIN, 1985.
- 5 NICHOLS, 1981.

Bibliografia

- LONGACRE, Robert E. (1985). Discourse Peak as Zone of Turbulence. In: WIRTH, Jessica R. (org.) Beyond the Sentence: Discourse and Sentential Form. Karoma Publishers, p. 83-98.
- NICHOLS, Johanna. (1981). The grammatical marking of theme in literary Russian. Texto apresentado na Conferência Soviético-Americana da Língua Russa, II. Lake Arrowhead, Califórnia, set./81
- SABINO et alii. (1978-1983). Para Gostar de Ler. Vols. 2, 5 e 8. São Paulo, Ática.
- TOMLIN, Russel S. (1985). Interaction of Subject, Theme, and Agent. In: WIRTH, Jessica R. (org.). Beyond the Sentence: Discourse and Sentential Form. Karoma Publishers, p. 61-80.